

MEMÓRIA E POLÍTICA EM *INFERNO PROVISÓRIO*, DE LUIZ RUFFATO

MEMORY AND POLITICS IN *INFERNO PROVISÓRIO*, BY LUIZ RUFFATO

Luís Adriano de Souza CEZAR*
UFRGS

Resumo: Neste texto, argumenta-se que o romance *Inferno Provisório* (2016), de Luiz Ruffato, mostra a voz do trabalhador urbano brasileiro através da técnica do discurso indireto livre. Em um panorama histórico que se estende da década de 1950 até 2002, essa obra apresenta inicialmente o processo de migração do interior de Minas Gerais para Rio de Janeiro e São Paulo e finaliza com a esperança da classe trabalhadora com o governo do presidente Lula (2003-2011).

Palavras-chave: Migração. Política brasileira. Trabalhador urbano brasileiro. Narração. Discurso indireto livre.

Abstract: This text argues that the novel *Inferno Provisório* (2016), by Luiz Ruffato, presents the voice of Brazilian urban worker through the free indirect speech. In a historic overview that extend the early 1950 until 2002, this work presents the process of migration from Minas Gerais to Rio de Janeiro and São Paulo and ends with the hope of the working class with the government of President Lula (2003-2011).

Keywords: Migration. Brazilian politics. Brazilian urban worker. Narration. Free indirect speech.

Inferno Provisório (2016), de Luiz Ruffato, é a compilação de cinco volumes publicados pelo romancista entre 2005 e 2011: *Mamma, son tanto felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005), *Vista parcial da noite* (2006), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem deus* (2011). Nessa pentalogia, representa-se um panorama da migração de trabalhadores urbanos para os estados de São Paulo e Rio Janeiro entre a década de 1950 e o ano de 2002. Em sua maioria, esses personagens migrantes são oriundos do interior de Minas Gerais, mais especificamente das cidades de Ubá, Rodeiro e Cataguases. Além desse processo migratório, o romance ainda se dedica a apresentar a rotina de desempregados e trabalhadores pobres na periferia de Cataguases.

Neste texto, pretende-se mostrar que o movimento de migração por que passaram esses personagens se associa a dois momentos distintos da história brasileira recente. O primeiro deles se refere à mudança das regiões rurais de Ubá e Rodeiro para o centro urbano mais desenvolvido Cataguases e o segundo representado pela mudança para São Paulo e Rio Janeiro especialmente

* Doutorando em Estudos Literários Aplicados no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSUL), em Pelotas-RS. E-mail: admrczar@gmail.com

nas décadas de 1960 e 1970. Sobre esse movimento inicial, procura-se mostrar a herança da mentalidade rural na cidade de Cataguases, nas figuras das famílias Prata e Micheletto, detentoras do poder político e econômico. Já sobre o segundo, argumenta-se que esses trabalhadores representam um grupo importante que passou a reforçar os quadros de mão de obra barata nas capitais mais importantes do Sudeste.

O interesse de Ruffato por esse segmento social permite compreender a atitude de um intelectual público e atuante, que se vale do seu lugar de fala para compartilhar a história dos anônimos que participaram da intensa urbanização por que o Brasil passou na segunda metade do século passado. Nesse processo de desvelamento de uma significativa parcela da população brasileira, o autor utiliza-se de uma forma romanesca dentro da qual se observa a constituição de um ponto de vista para o país em muito diverso das formas tradicionais de narração e de representação da realidade brasileira. Sendo assim, busca-se mostrar a importância das escolhas formais realizadas no romance e do uso da técnica do discurso indireto livre para representar a voz do trabalhador urbano brasileiro.

Por último, também se argumenta que a obra de Luiz Ruffato dialoga com um momento específico da política brasileira: a ascensão do ex-metálgico Luiz Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil. Figura bastante semelhante às personagens representadas no romance, Lula é o migrante que se mudou para São Paulo e, a partir do trabalho no chão da fábrica e do movimento sindical, chegou ao mais alto cargo da política brasileira. Dessa forma, reside no percurso realizado pelo texto de Ruffato um movimento de formação e de consolidação da trajetória do trabalhador urbano cujos anseios foram erguidos a um plano de esperança com a chegada de Lula ao poder em janeiro de 2003, justamente o momento em que se encerram as histórias narradas na pentalogia do romancista mineiro.

Para a composição desta reflexão, dialoga-se com as ideias de Sérgio Buarque de Holanda (2013) e Marcelo Ridenti (2005) para pensar a herança da mentalidade rural e a atuação do intelectual público em molde semelhante ao que houve em um período da intelectualidade brasileira pré-1964. A fim de discutir o processo narrativo do romance e o emprego do discurso indireto livre, realiza-se a discussão a partir das contribuições de Roberto Schwarz (1997), Jeanne Marie Gagnebin (2009) e James Wood (2012); na esteira disso, também se vale das ideias de Peter Burke (1992). Finalmente, para se compreender a importância do governo Lula e do lulismo para a obra de Ruffato, realiza-se um debate ancorado em Perry Anderson (2011) e André Singer (2009). Dessa forma, intenta-se compreender o romance *Inferno Provisório* em uma visada histórico-materialista, tendo como argumentos fundamentais a atuação de Ruffato como um intelectual público que soube mostrar a esperança depositada no governo Lula pelo trabalhador urbano brasileiro, cuja voz é expressa através da técnica do discurso indireto livre.

*

Conforme apresenta Holanda (2013), “os portugueses instauraram no Brasil [...] uma civilização de raízes rurais” (p. 73), o que significou a composição de cidades dependentes em sua mentalidade das propriedades rústicas. Com a ascensão dos centros urbanos, muitos proprietários de terra, que perderam sua singularidade nas zonas rurais, passaram a viver nas cidades, onde se tornaram ocupantes de posições de destaque. Nesse sentido, é importante compreender a síntese apresentada abaixo:

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição. (HOLANDA, 2013, p. 82)

Conforme se vê, as cidades brasileiras, especialmente aquelas situadas no interior profundo, foram constituídas sobre uma base ainda muito arraigada à visão de mundo daqueles que viviam nas zonas rurais. É o caso, por exemplo, das cidades mineiras a que se dedica o romance de Ruffato: Ubá, Rodeiro e Cataguases. Nesta última, duas famílias se destacam como as detentoras do poder e do prestígio diante dos outros habitantes. A primeira delas, a família Micheletto, é representada ainda nas regiões rurais de Ubá e Rodeiro, realizando todo o tipo de arbitrariedades com os pobres e desvalidos. Já a segunda, a família Prata, é a responsável pelos empreendimentos industriais em Cataguases e assume um significado fundamental no romance, pois as personagens representadas ou estão sob o jugo da família ou estão à sua margem, orbitando os empregos oferecidos pela indústria têxtil controlada pela família. Dessa forma, os primeiros capítulos do romance se situam historicamente nas décadas de 1950 e 1960 no interior mineiro, por onde se vê a atuação discricionária dessas famílias que detêm o futuro e a estabilidade de sujeitos oriundos das zonas rurais que buscavam nessas cidades uma oportunidade de emprego.

Para o trabalhador de Cataguases, as possibilidades de trabalho estavam profundamente associadas à vontade da família Prata. Havia, portanto, um horizonte bastante restrito para esses indivíduos, os quais deviam se sujeitar aos desmandos nas fábricas da família ou habitar uma obscura posição social sem nenhum amparo empregatício. Para além disso, a única possibilidade estava ligada à migração para as grandes capitais do Sudeste. Assim, Rio de Janeiro e São Paulo representam uma saída para a rotina sufocante de uma cidade sem outros atrativos, senão os empregos atrelados à família Prata.

Os primeiros capítulos do romance são dedicados a representar a vida desses trabalhadores em um momento em que o Brasil viveu um ritmo de otimismo revolucionário e de incentivo à industrialização, o que contribuiu

para um incremento no processo migratório para os grandes centros urbanos. É o período do nacional-desenvolvimentismo no discurso político e no pensamento nacional, momento da nossa história em que o Brasil parecia ter encontrado o seu rumo para o desenvolvimento:

1950 até 1968: era significativa a luta contra o poder remanescente das oligarquias rurais e suas manifestações políticas e culturais, havia um otimismo modernizador com o salto da industrialização a partir do governo Kubitschek, sem contar o imaginário da revolução brasileira – fosse ela democrático-burguesa (de libertação-nacional) ou socialista –, impulsionado pelos movimentos sociais de então (RIDENTI, 2005, p. 98).

De acordo com Ridenti (2005), havia nesse período, não apenas na política, mas também entre os intelectuais brasileiros, um sentimento de empolgação com o novo e com a possibilidade de futuro que prometia um caminho para o Brasil. Entre 1950 e 1970, ainda segundo o autor, houve um dos maiores processos de urbanização do mundo, em que a “sociedade brasileira passou de majoritariamente rural para eminentemente urbana, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada” (RIDENTI, 2005, p. 87). E aí reside um ponto fundamental da pentalogia de Ruffato. As personagens que compõem o centro de interesse de *Inferno Provisório* são desveladas desse processo migratório que representou um avanço importante para a nossa sociedade, pois contribuiu para o incremento dos centros urbanos; mas, dentro disso, há todas as mazelas dessa urbanização intensa e não planejada. À margem desse fenômeno de modernização da sociedade brasileira, esses trabalhadores urbanos saíram de suas regiões pobres no interior e passaram a habitar as periferias das grandes cidades, como uma imensa leva de anônimos desgarrados para sempre da sua terra natal.

Assim sendo, dentro desse panorama realizado por Ruffato, pode-se assistir à trajetória do trabalhador urbano brasileiro, desde a transição do campo para as cidades de porte médio, até a migração para as capitais do Sudeste, onde o inchaço populacional ocasionou severas consequências, as quais são sentidas em profundidade nos dias de hoje. Se em Cataguases o domínio da família Prata era construtivo e sufocante, talvez ainda mais brutais sejam a violência, as grandes distâncias e a agressividade de uma cidade como São Paulo, sem nenhum tipo de interesse em acolher novos moradores.

*

Desde a publicação de *Histórias de remorsos e rancores* (1998) e (*os sobreviventes*) (2000), livros de contos que antecedem *Eles eram muitos cavalos* (2001), Luiz Ruffato tem se dedicado à representação de um segmento desprestigiado da sociedade brasileira. Conforme já se viu, a obra de Ruffato se interessa por desvendar a rotina de vida daqueles sujeitos que são a mão de obra pesada e barata das grandes cidades. Indivíduos, em sua maioria, migrantes de regiões mais pobres e menos desenvolvidas que as

capitais do Sudeste. Dessa forma, para o romance brasileiro contemporâneo, especialmente com *Inferno Provisório* e *Eles eram muitos cavalos*, o autor de Cataguases ingressa como um escritor interessado em debater importantes questões sociais advindas do intenso processo de urbanização por que passaram as grandes capitais brasileiras na segunda metade do século passado.

Segundo Ridenti (2005), nas décadas de 1940, 1950 e até meados de 1960, a intelectualidade brasileira vivenciou um momento bastante fecundo, com expressões artísticas ainda hoje muito significativas, como a Bossa Nova, o Cinema Novo, a Canção Popular e o Teatro de Arena. Foram os anos de democracia entre o término do Estado Novo getulista e o início do governo dos militares; nesse tempo, Brasília foi construída e houve a tentativa das reformas de base no governo de Jango. Enfim, pairava no ar uma sensação de esperança e de renovação, por conta da qual se delineou a figura de um intelectual de esquerda engajado com as questões populares. Todavia, como observa o professor Homero Vizeu Araújo (2014), o Golpe de 1964 veio para esfriar as promessas desenvolvimentistas e realizar a modernização conservadora, provocando um verdadeiro futuro pifado para aqueles que acreditavam em um processo de integração nacional.

Por causa desse baque e de todas as suas consequências, as décadas de 1970 e 1980 assistiram ao declínio da figura desse intelectual, a qual, conforme apresenta Ridenti (2005), foi neutralizada e institucionalizada, pois muitos desses intelectuais foram incorporados às grandes produções televisivas e às campanhas publicitárias. Assim, “um eventual sonho com a revolução conviveria com o investimento na profissão, no qual prevaleceria a realidade cotidiana da burocratização e do emprego” (RIDENTI, 2005, p.105).

Nesse sentido, a figura do intelectual engajado da década de 1960 cedeu espaço ao “modelo do artista e do *scholar* contemporâneos, profissionais amadurecidos, desvinculados de compromissos ideológicos e sociais (...)” (RIDENTI, 2005, p. 106). Dessa forma, na contemporaneidade, não se vê o empenho de artistas e intelectuais ligados a um movimento como já se viu em décadas passadas. Isso se deve não só às razões apresentadas por Ridenti (2005), como a burocratização e a institucionalização do intelectual, mas também pela descrença atual em qualquer utopia ou em visões de mundo totalizantes; enfim, trata-se do fim das grandes narrativas, como gosta de anotar o discurso pós-moderno.

Apesar disso, é preciso reconhecer na obra romanesca de Luiz Ruffato a atuação de um intelectual público e engajado, o qual se utiliza do seu romance para discutir questões pertinentes à política e à sociedade brasileira, como uma forma de dar voz ao outro. Valendo-se das contribuições de Jeanne Marie Gagnebin (2009) a propósito da narração em Walter Benjamin, é possível afirmar que as palavras de Ruffato levam adiante “a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão

simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar a esboçar uma outra história” (GAGNEBIN, 2009, p. 57). Dessa maneira, o romance do autor mineiro assume um importante significado como objeto artístico em que se debate a constituição de uma classe de trabalhadores formada pelo intenso processo migratório e relegada ao anonimato nas metrópoles.

As ideias de Ruffato não se restringem ao texto literário e ecoam em outras instâncias por onde ele circula. Bons exemplos disso são a sua coluna semanal no *site* do jornal *El País*, sempre atenta a questionar as atitudes conservadoras e descoladas da realidade do povo brasileiro, e o polêmico discurso proferido na abertura da Feira do Livro de Frankfurt de 2013, em que o autor não poupou críticas ao país homenageado. Importante notar que esses dois espaços somente foram alcançados em virtude do seu sucesso no meio literário, o qual lhe permitiu propagar um ponto de vista diante da política, da sociedade e até mesmo da própria literatura que busca se afastar das visões hegemônicas e tradicionais, tão dedicadas a levar para a margem do debate os interesses de indivíduos que dependem do trabalho assalariado e das garantias empregatícias. Assim, Luiz Ruffato, seja como romancista, seja como jornalista, tem se destacado como uma importante voz de onde ecoam histórias gestadas na memória coletiva de grupos sociais incrustados nas periferias e cercanias das cidades brasileiras.

*

No prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo* (1997), Roberto Schwarz se pergunta “Em que consiste a força do romance machadiano da grande fase?” (SCHWARZ, 1997, p. 9). Sabendo de seu argumento, compreende-se que uma das grandes qualidades do romance machadiano, especialmente *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é o arranjo narrativo, dentro do qual se dá a ver um Brasil sob a ótica descompromissada da sua elite. Para os interesses desta reflexão, pode-se chegar a conclusões semelhantes: em sentido reverso à voz de Brás Cubas, o aparato narrativo de *Inferno Provisório* é uma de suas grandes forças e oferece uma perspectiva diante da sociedade brasileira associada àquilo que Peter Burke, ao tratar da Nova História, chamou de “a história vista de baixo” (BURKE, 1992, p. 7). Ou seja, nesse romance de Ruffato, assim como em outros de sua autoria, as histórias são contadas sob o ponto de vista daqueles que habitam a sobra do discurso histórico tradicional. Em termos benjaminianos, pode-se mesmo afirmar que se trata da voz dos vencidos, dos sujeitos que ficaram e ainda estão à margem do desenvolvimento capitalista.

Para adaptar a visão de classe de Brás Cubas, Schwarz (1997, p. 64) afirma que “a sucessão de episódios é comandada pela volubilidade, e desprovida de necessidade interna. [...] Daí o enredo errático e frouxo, muito original a seu modo, a trama que não é retesada por conflitos, já que

estes requerem alguma espécie de constância.” Compreende-se, com isso, que a originalidade da forma de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* reside na necessidade de adequação à referência histórico-social de seu narrador e personagem principal. De modo análogo, mas com propósitos diferentes, Luiz Ruffato também investe em um profundo trabalho na forma narrativa de seu romance, a fim de adaptá-la ao segmento social privilegiado na representação. Ora, nem a forma do romance realista tradicional tampouco a experiência machadiana seriam apropriadas para representar as histórias de personagens acostumadas aos cacos e às sobras da metrópole. Foram necessárias a fragmentação da estrutura narrativa e a subversão do ponto de vista hegemônico para alcançar a complexidade de indivíduos relegados ao esquecimento econômico e social.

Ao comentar o ensaio clássico de Walter Benjamin, “O Narrador”, Gagnebin (2009) afirma que esse texto não apenas constata o fim da narração tradicional, como também esboça uma outra forma de narração, a qual se constitui nas ruínas de uma narrativa ancorada nas migalhas da tradição. Segundo a autora, a essa espécie de narrador não cabe a tarefa de reconstruir a grande narrativa épica; pelo contrário, dele se retém um aspecto menos triunfante. Na imagem benjaminiana, esse narrador seria a figura do catador de sucata e de lixo, o qual “não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2009, p. 54). Justamente nesses aspectos abordados pela leitura da comentadora de Benjamin reside o ponto essencial para a compreensão de *Inferno Provisório*, obra que privilegia:

aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste — aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra de seus nomes (GAGNEBIN, 2009, p. 54).

Não é sem motivo, portanto, o título e o prefácio de *Eles eram muitos cavalos*:

Eles eram muitos cavalos,
mas ninguém mais sabe os seus nomes,
sua pelagem, sua origem...
(Cecília Meireles)

Tanto o excerto de Gagnebin quanto os versos de Cecília Meireles apontam para o sentido fundamental da obra romanesca de Ruffato: o interesse pelas histórias de vida dos anônimos e desvalidos da grande cidade. Para que essa representação seja adequada, não pode haver o investimento

em uma narrativa linear e contínua; pelo contrário, é preciso que a atenção se volte para os cacos e restos da narrativa tradicional, em cujas falhas e sombras habitam brasileiros que parecem nunca terem existido, a não ser enquanto estatísticas de problemas sociais e em promessas políticas. Dessa maneira, desde o romance de 2001, o autor de *Cataguases* tem se notabilizado pela composição de uma forma romanesca dentro da qual se dá a ver a dilacerada experiência de vida dos milhões de migrantes do interior brasileiro que depositaram suas esperanças no Rio de Janeiro e São Paulo, mas se depararam, em verdade, com o choque da cidade imensa, desfrutável tão somente para aqueles que dispõem de oportunidades e capital.

Para expressar o ponto de vista da experiência do trabalhador urbano brasileiro na segunda metade do século passado, Luiz Ruffato, além de uma inventiva dedicação à forma do romance, também se vale da técnica do discurso indireto livre, em virtude da qual se “ouve” a voz desse trabalhador. Nesse amálgama do discurso do narrador com o discurso da personagem, o discurso indireto livre, conforme apresenta James Wood (2012), revela um ganho de flexibilidade, pois as palavras do narrador parecem se fundir às qualidades da personagem. Assim, “graças ao estilo indireto livre, vemos coisas através dos olhos e da linguagem do personagem, mas também através dos olhos e da linguagem do autor. Habitamos, simultaneamente, a onisciência e a parcialidade.” (WOOD, 2012, p. 23)

Nessa partilha de discursos, observa-se uma atitude narrativa bastante democrática, em que a linguagem e a visão de mundo das personagens se misturam à voz do narrador. Em cada uma das histórias que compõem *Inferno Provisório*, sente-se o pulsar de vozes que habitam tanto o interior mineiro quanto os recantos das periferias do Rio e São Paulo, em uma performance narrativa que não se limita a um paradigma normativo da língua portuguesa e deixa-se inundar por variantes profundamente ligadas à oralidade de indivíduos de pouca escolaridade e afastados da prática leitora. O emprego do discurso indireto livre permite compreender que por esse romance sobrevoa uma mesma voz narrativa, a qual, apesar dos seus matizes diversos, representa o modo de falar e de conceber a realidade do próprio trabalhador urbano brasileiro. Em última análise, portanto, afirma-se que, ao contrário dos proprietários Bentinho, Paulo Honório e até mesmo Riobaldo, no romance em análise, a perspectiva narrativa, aqui incluídos o lugar social, o tom e a linguagem, é a do empregado, que, pela primeira vez na história brasileira, teve acesso aos meios necessários para a expressão dos seus anseios e aspirações.

Tais escolhas narrativas e formais de Luiz Ruffato podem ser compreendidas sob uma base filosófica que também se aplica ao discurso da História, o qual passou a ser escrito como uma reação ao paradigma tradicional. Segundo Burke (1992), o fundamento dessa reação reside na perspectiva do relativismo da cultura, ideia segundo a qual se compreende que a realidade é

social e culturalmente constituída. Por conta disso, a distinção entre central e periférico se desfaz na História, contribuindo para que esse novo discurso se inunde pela heteroglossia bakhtiniana, isto é, a junção de vozes variadas e opostas para representar o mundo da experiência comum e cotidiana. Dessa forma, a tarefa do narrador e do historiador se interpenetram, pois os dois “deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2009, p. 54).

Reside em Ruffato, portanto, o empenho em redimensionar, por meio do discurso literário, a história da migração urbana brasileira, sob o ponto de vista daqueles que habitam o andar de baixo não apenas da sociedade, mas também das preocupações do discurso histórico hegemônico e tradicional. E para a efetiva concepção desse intento, o recurso ao estilo indireto livre permite que as vibrações da voz do trabalhador urbano brasileiro não se contenham aos limites da narração e conquistem todo o espaço do romance, de onde se dá a compreender que também a vida do homem comum é complexa e digna de representação literária. Assim, em *Inferno Provisório*, aprende-se a ouvir os reclamos de uma classe forçada ao silêncio imposto pelas suas parcas condições simbólicas e materiais.

*

As duas pontas que compõem os extremos de *Inferno Provisório* são muito significativas. Na primeira delas, o romance inicia com uma história intitulada “Uma fábula”, na qual se observa a vida da personagem André e sua família no interior de Rodeiro na década de 1950. Já na segunda, o romance se fecha com a história “Outra fábula”, em que o leitor se depara com o jornalista Luís Augusto prestes a iniciar o percurso da corrida de São Silvestre no dia 31 de dezembro de 2002. Assim, esses dois capítulos marcam a linha de tempo dentro da qual se desenrolam os eventos narrados ao longo do romance.

Outro elemento que merece atenção é o significado do termo “fábula”, o qual aponta para fantasia e imaginação. Considerando o que já se debateu neste trabalho, de um lado, pode-se observar a fantasia daqueles que viviam no interior mineiro na década de 1950 e ansiavam por melhores dias em cidades mais desenvolvidas de Minas Gerais e até mesmo do Rio de Janeiro e São Paulo. De outro, há a imaginação de um jornalista nascido em Cataguases, que se mudou para a capital paulista e por lá fez a sua vida. E justamente nessa história de Luís Augusto habita um aspecto essencial para a compreensão de *Inferno Provisório* como uma obra que carrega consigo o otimismo e a esperança de uma classe com a ascensão de Lula à presidência.

Graças ao estudo e a um esforço digno de quem não quer retornar a sua terra natal, o jornalista de “Outra fábula” conseguiu se mudar de Cataguases, cursar uma faculdade e se estabelecer em São Paulo. Mas deve-se notar que essa trajetória não é um sucesso absoluto, pois, como revela a própria lembrança de Luís Augusto, este é um profissional medíocre, que luta

para pagar a pensão da ex-mulher e as contas no fim do mês. Apesar disso, é preciso lembrar que a narrativa encontra esse sujeito na iminência de iniciar a corrida a um dia de Lula assumir o governo do Brasil em 1º de janeiro de 2003. Observa-se, por conseguinte, nesse artifício narrativo, o ponto de partida de indivíduos que se desgarraram de seus lugares de origem para tentar a vida nas grandes capitais brasileiras e agora, com o desembarque de Lula no poder, estão, pela primeira vez na história, com chances de vencer.

Na representação dos minutos tensos que antecedem a partida para a São Silvestre, depreende-se um tal otimismo com o novo governo que essa referência não pode ser subestimada, pois, como anota André Singer (2009, p. 94) em um estudo sobre as raízes ideológicas do lulismo, “convém lembrar que Lula é o primeiro presidente que viveu a experiência da miséria, o que não é irrelevante, dada a sensibilidade que demonstrou, uma vez na presidência, para a realidade dos miseráveis.” Dessa forma, o *start* da corrida e a indireta histórica e política ao primeiro dia de 2003 coadunam-se em um só desejo de que Lula de fato governasse para os trabalhadores como nenhum outro presidente.

Segundo essa interpretação, pode-se até mesmo redimensionar o título da obra. O *Inferno Provisório* se desfaz, porque, com a nova presidência, renasce a esperança de que as dificuldades não serão eternas. E, finalmente, os brasileiros pobres, atrelados ou não a algum tipo de trabalho formal, terão acesso a bens materiais e simbólicos pelos quais lutavam há décadas. Nesse sentido, torna-se ainda mais expressivo o emprego do discurso indireto livre no romance, afinal, como já se deu a ver acima, é por meio dessa técnica que a voz do trabalhador transborda pela narrativa e dela se ouve a mesma linguagem que ecoava dos palanques sindicais de onde se formou a figura política de Lula. Dessa maneira, é pertinente compreender a síntese de Perry Anderson (2011) a propósito desse presidente e das consequências das suas principais medidas no governo:

Não apenas o presidente era agora um ex-operário sem instrução, cuja gramática surrada já era lendária, mas sob seu governo empregadas domésticas, porteiros e trabalhadores braçais, de fato, praticamente toda extração da ralé, estavam agora adquirindo bens de consumo até então privilégio dos instruídos, e mesmo adquirindo orgulho em seu dia a dia. Para boa parte da classe média, tudo isso os irritava profundamente: a ascensão de sindicalistas e funcionários significava que eles estavam sendo rebaixados (ANDERSON, 2011, p. 37).

Após a intensa urbanização por que o Brasil passou a partir da década de 1950, impulsionada pela migração de milhões de brasileiros oriundos do interior mais profundo do país, o ano de 2003 congregava em si toda a esperança de um estrato social achatado na morrinha da vida periférica. E todo esse otimismo se concentrava, evidentemente, em Lula, pois, “comparado a seus antecessores, ele tinha visão, nascida da identificação social,

para compreender que o Estado brasileiro podia se dar ao luxo de ser mais generoso com os menos favorecidos, de um modo que faria grande diferença em suas vidas”. (ANDERSON, 2011, p. 51) Sendo assim, se o Golpe de 1964 havia pifado os anseios das reformas de Jango, desta vez o trabalhador brasileiro sentia que poderia completar o percurso da maratona e ser saudado como vencedor em seu término.

Dessa maneira, a pentalogia organizada em *Inferno Provisório* apresenta dezenas de histórias em cujo final não se observa a ideia de futuro para as personagens. Estas vivem apenas para resolver os problemas do seu cotidiano sem grandes expectativas para o amanhã. A única história em que o final fica aberto é justamente “Outra fábula”, na qual o jornalista Luís Augusto apruma-se para iniciar uma corrida que não é somente sua, mas de toda a classe a que ele pertence. Partindo desse artifício narrativo, repleto de um veneno à la Machado, pode-se compreender, segundo Singer (2009), por que o ex-presidente Lula usava tanto o bordão “nunca na história deste país”. Ora, para quem ouvia isso nos degraus mais abaixo da escada social, realmente a história estava só começando.

Referências

- ANDERSON, Perry. **O Brasil de Lula**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza e Bruno Costa. Novos Estudos CEBRAP, n. 91, p.23-52, nov. 2011.
- ARAÚJO, Homero Vizeu. **Futuro pifado na Literatura Brasileira: promessas desenvolvimentistas e modernização autoritária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.
- BURKE, Peter. A nova História, seu passado e seu futuro. In.: _____. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In.: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 49-57.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Herança rural. In.: _____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.71-92.
- RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo social, revista de sociologia da USP**, v.17, n.1, p.81-110, 2005.
- RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- _____. **Inferno Provisório**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Editora 34, 1997.

SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do Lulismo. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 85, p.83-102, nov. 2009.

WOOD, James. Narrando. In.: _____. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p.17-42.

Recebido em outubro/2017.

Aceito em novembro/2017.